

PUER IESUS – O MENINO JESUS

Sermão para o primeiro domingo depois da Epifania, do Frei Tomás de Aquino¹

*S. Tomás de Aquino*²

“O menino Jesus progredia em idade, sabedoria e graça diante de Deus e diante dos homens” (Lc 2,52)³

Todas as coisas que o Senhor fez ou sofreu na carne servem de lições e exemplos salutares.⁴ Por isso, diz João (13,15): “Dei-vos o exemplo, para que, como eu vos fiz, também vós o façais”. E porque a via da salvação não está ausente em nenhuma idade – sobretudo quando se atinge os anos de discricção⁵ –, dessa forma, a adolescência de Cristo é proposta como exemplo para os adolescentes.⁶ Ora, é próprio dos adolescentes o aumento e o progresso, por isso o progresso de Cristo é proposto como exemplo para os adolescentes.

No início, portanto, roguemos ao Senhor para que o que digamos sobre o progresso de Cristo possa servir para a honra de Deus e para a salvação de nossas almas.

1) De autenticidade certa, o sermão foi pregado na Universidade de Paris no dia 11 de janeiro de 1271 ou 10 de janeiro de 1272.

2) Tradução, subtítulos e notas: Felipe de Azevedo Ramos, EP, a partir da versão latina encontrada em THOMAS DE AQUINO. *Puer Iesus* (ed. Leonina, 44.1, p. 101-112). Foram cotejadas as traduções para o francês e para o inglês (em particular para a elaboração das notas) das seguintes edições: THOMAS D’AQUIN. *Sermons*. Tr. Jean-Pierre Torrell. Paris: Cerf, 2014, p. 117-134; *Thomas Aquinas*. The Academic Sermons. Tr. Mark-Robin Hooland. Washington: Catholic University of America Press, 2010, p. 87-107.

3) Cf. Lc 2,40.43.

4) Cf. *Quodl. III*, q.5, a. 2[12], arg. 1 (ed. Leon., t. 25, 2, p. 259:5-6).

5) Isto é, a idade correspondente à idade de discernimento. A idade plena do uso da razão correspondia à idade em que se alcançaria presumivelmente a puberdade: 12 anos para as meninas e 14 anos para os meninos. Para questões práticas, essas idades serviriam para estabelecer a idade apta para o casamento ou para o voto religioso. Sobre isso, cf. THOMAS DE AQUINO. *Contra retrahentes*, capítulo III. [Sobre a admissão de meninos na vida religiosa]. Introdução, tradução e notas: Felipe de Azevedo Ramos. *Lumen Veritatis*, v. 4, n. 17, 2011, p. 113-122.

6) Vale notar que o público que Frei Tomás tinha diante de si era prevalentemente de jovens. Aqui, e em outras partes, ele segue a divisão tradicional das idades de Santo Isidoro de Sevilha, segundo a qual a adolescência durava entre os 15 e os 28 anos. Cf. *ibid.*, p. 118.

Sermão

“O Menino Jesus” etc.

Se quisermos considerar essas palavras cuidadosamente, encontraremos nelas quatro progressos de Cristo, a saber: [1.] o progresso da idade quanto ao corpo; [2.] o progresso da sabedoria quanto ao intelecto; [3.] o progresso da graça diante de Deus; e também [4.] o progresso da graça diante do convívio com os homens.

1. Os quatro progressos admiráveis

1.1. A eternidade progride em idade

Todos esses progressos são verdadeiramente admiráveis, ou melhor, repletos de surpresa e de admiração. Com efeito, é de se admirar que a eternidade progrida em idade, pois o Filho de Deus é a eternidade e existe desde toda a eternidade. Diz o Salmista: “A tua palavra, Senhor, permanece eternamente” (Sl 118[119],89).

Ademais, é de se admirar que a verdade progrida em sabedoria, pois o progresso da sabedoria é o conhecimento da verdade, e Cristo é a própria verdade; donde dizer João (14,6): “Eu sou o caminho, a verdade e vida”.

Além disso, é de se admirar que o criador da graça progrida em graça; e Cristo é o autor da graça, conforme diz João (1,17): “A graça e a verdade vieram por Cristo”.

Mais ainda, é de se admirar que aquele que supera todos os homens, possa progredir diante deles. Antes, pelo contrário, os homens é que devem progredir diante d’Ele. Diz o Salmista: “Elevado sobre os povos todos [é o Senhor]” (Sl 112[113],4). De que modo, então, Cristo progride nessas coisas?

Respondo que, se quisermos considerar adequadamente o progresso da idade, a sua razão aparece de modo evidente. O Filho de Deus Eterno quis se tornar temporal, a fim de que pudesse progredir de acordo com as idades: “Um menino nos nasceu” (Is 9,6). Se ele nasceu como menino, por que então não cresceria como menino?

Os outros progressos de Cristo contêm maior dificuldade. Cristo assumiu a natureza humana em sua integridade. Nasceu como menino segundo a carne, não segundo a alma, pois, desde o início da concepção, a sua beatíssima alma esteve unida a Deus, cheia de graça e de verdade. Por isso, lê-se em João (1,14): “Vimos a sua glória, glória como Filho único do Pai, cheio de graça e de verdade”. Ele foi cheio de toda graça e verdade, porque Ele era o Filho

único de Deus; mas Ele foi o Filho único desde a concepção; portanto, por isso, foi cheio de graça e de verdade, e perfeito em virtude: “A mulher cercará de cuidados o homem” (Jr 31,22), não por sua idade, mas pela perfeição de sua alma. Mas como falar de progresso em sabedoria e em graça?⁷

Responda-se que se diz que alguém progride na sabedoria não apenas quando ele adquire maior sabedoria, mas também quando a sabedoria é ainda mais manifestada nele. É verdade que Cristo esteve cheio de sabedoria e graça desde o início de sua concepção, mas não a manifestou desde o princípio, porém somente no período que os outros costumam fazer.⁸ Então, afirma-se que Ele progredia em sabedoria, não em si mesma, mas quanto ao efeito que ela produzia nos outros. Se Ele tivesse querido manifestar a sua sabedoria aos sete anos de idade, poderia levar os homens a duvidar da verdade de Ele ter assumido a natureza humana; e é por isso que Cristo quis Se conformar com os demais. Assim, diz o Apóstolo aos filipenses: “Despojou-se de Si mesmo, tomando a forma de escravo, tornando-Se semelhante aos homens” (Fl 2,7). Cristo Se fez pequeno tomando a nossa pequenez a fim de Se mostrar verdadeiramente pequeno, “tornando-Se semelhante aos homens”. Diz o Apóstolo (na realidade: Br 3,38): “Apareceu sobre a terra, onde convive entre os homens”. E no período em que o juízo de sabedoria costuma aparecer pela primeira vez no ser humano, Cristo manifestou pela primeira vez a sua sabedoria, isto é, quando tinha doze anos. Portanto, quis Ele revelar a sua sabedoria de modo paulatino, e não súbito, a fim de que a verdade da natureza humana fosse n’Ele reconhecida,⁹ e para nos dar o exemplo de como progredir na sabedoria.¹⁰

2. Os quatro progressos de Cristo

Pois bem, conforme foi dito, há quatro progressos de Cristo, a saber: de idade, de sabedoria, de graça e de convívio humano.

7) Cf. *In Ioh.*, 1, 14 (textus recensionis uniuersitariae): “Anima Christi fuit plena gratia, quia omnia dona Spiritus sancti absque mensura recepit ... Veritate quidem plenus fuit quia eius pretiosa anima omnem ueritatem cognouit, omnium scientiam habuit” (cf. ed. Cai, 1952, p. 38, n. 189); *S. Th.*, III, q. 7, a. 10.

8) Cf. *In Ioh.*, 1, 31 (textus recensionis uniuersitariae): “Et ideo demonstrationem scientie et uirtutis sue ad illud distulit tempus in quo alii homines scientia et uirtute uigere consueuerunt ... non quod ipse uirtute et sapientia augmenta susciperet cum in eis fuerit ab ipso instanti sue conceptionis perfectus, sed quia eius uirtus et sapientia magis innotescebat hominibus” (cf. ed. Cai, 1952, p. 53, n. 264).

9) Cf. *Cat. In Luc.*, 2, 52.

10) Cf. *S. Th.*, III, q. 7, a. 12, ad 3.

2.1. O progresso em idade

Primeiramente, investiguemos a respeito do progresso da idade de Cristo, que é corporal. E se nos propõe como exemplo, a fim de que aproveitemos a idade do corpo e da mente como ele, pois é vão o progresso na idade do corpo se não ocorre na alma; por isso se trata do progresso da idade de Cristo junto com o da sabedoria e da graça, porque se o homem não avança com o progresso da mente junto com a idade do corpo, seguir-se-iam daí quatro inconvenientes: por ser [2.1.1.] monstruoso, [2.1.2.] danoso, [2.1.3.] grave ou penoso e [2.1.4.] perigoso.

2.1.1. Monstruoso

A princípio, digo que progredir na idade do corpo e não na idade da mente é monstruoso. O homem é composto de alma e de corpo, assim como o corpo é composto de outros membros. Mas suponhamos que certo corpo cresça num membro e fique infantil em outros: isso é monstruoso. Da mesma forma, quando alguém é adulto quanto ao corpo, mas não quanto à mente. A esse propósito, afirma o Apóstolo: “Quando era criança, pensava como criança, falava como criança; depois, uma vez que me tornei adulto, fiz desaparecer o que era próprio das crianças” (I Cor 13,11). As crianças pensam em brincar e coisas do gênero. É verdade que o Senhor nos ordena que sejamos como as crianças, dizendo em Mateus (18,3): “Se não vos converterdes e não vos tornardes como as crianças, não entrareis no reino dos Céus”. Devemos conservar algo das crianças, pois elas não são maliciosas e são humildes;¹¹ devemos deixar de lado algo das crianças, pois elas estão privadas de sabedoria. Donde o Apóstolo afirmar: “Não sejais como as crianças quanto ao modo de julgardes; quanto à malícia sejais como as crianças, mas, quanto ao modo de julgar, adultos” (I Cor 14,20). Devemos cogitar crescer na idade do corpo à medida que crescamos na idade da mente. Quem crescesse em um pé só e não no outro colocaria todo esforço em encontrar um médico que fizesse crescer de modo semelhante o outro pé. Assim também tu, que cresces na idade do corpo, debes colocar todo o teu esforço para que cresças também na idade mental.

11) Cf. *In Matth.*, 18, 2 (ed. Cai, 1951, p. 228, n. 1488): “Chrysostomus exponit vere parvulum, quia passionibus erat immunis, ut exemplum humilitatis praeberet”; *Cat. In Matth.*, 18, 2.

2.1.2. Danoso

Ademais, crescer na idade do corpo e não na idade da mente é danoso. Se alguém tivesse tempo para adquirir um objeto de valor e o deixasse escapar por futilidade, seria isso considerado um grande defeito. Da mesma forma, o mercador, no tempo do comércio, quando crê lucrar muito, bem como o estudante, que crê assistir a uma aula útil: se perde esse tempo, deve ser considerado bastante prejudicado. O tempo te é dado não para lucrases em coisas de pouco valor, mas sim em vista de Deus e dos bens celestes que ninguém pode compreender. Assim, diz o Apóstolo: “O olho não viu, nem o ouvido ouviu, nem o coração do homem alcançou o que Deus preparou para aqueles que O amam” (I Cor 2,9).¹² Por isso, se diz: “Não te prives de nenhuma parte do bom tempo” (cf. Eclo 14,14). E Salomão: “Para que não dêes aos estrangeiros a tua honra, nem teus anos ao cruel. Não se fartem com o teu vigor os estranhos e com os teus trabalhos na casa estrangeira” (Pr 5,9-10). A honra é dada ao homem na guerra quando consegue vingar-se dos seus inimigos; tal honra te é dada, ou seja, para vencer o mundo, a carne e o diabo. Mas quando dás as forças naturais para servir ao diabo, as quais te são dadas para vencê-lo, então dás a honra ao estrangeiro. Por conseguinte, “não dêes os anos” de tua juventude “ao cruel”, isto é, ao diabo que é cruel, porque, mesmo que a ele sirvas, ele não te dará descanso. Por isso, diz Jeremias (16,13): “Servireis deuses estrangeiros que não vos darão descanso”, “e com os teus trabalhos na casa estrangeira” (Pr 5,10). Talvez faças boas obras, nas quais trabalhaste; se te converteres ao Senhor, esses trabalhos estarão em tua casa. Se, em contrapartida, não te converteres ao Senhor, os teus trabalhos, isto é, as boas obras, estarão em casa estrangeira, pois os santos alegrar-se-ão na pátria por tuas boas obras, e não de ti. É por isso que se diz no Apocalipse (3,11): “Segura com firmeza o que tens, para que ninguém tome a tua coroa”.¹³

12) Cf. etiam: Is 64,4.

13) Cf. *S. Th.*, III, q. 89, a. 5, co. (ed. Leon., t. 12, p. 332): “<Opera meritoria> sic autem remanent, quantum est de se, etiam postquam per peccatum mortificantur: quia semper Deus illa opera, prout facta fuerunt, acceptabit, et sancti de eis gaudebunt, secundum illud Apoc. III: Tene quod habes, ne alius accipiat coronam tuam”.

2.1.3. Penoso

Da mesma forma, crescer na idade do corpo e não na da mente é penoso. Mas dirás: “Eu sou jovem; quero divertir-me em minha juventude; quando eu ficar velho, converter-me-ei ao Senhor”. Certamente, tu te comprometes a um trabalho duro. O que o homem está acostumado a fazer desde a sua juventude lhe é fácil. Isso é patente, pois é fácil que um camponês trabalhe no campo, porque está acostumado; mas a ti isso é difícil. Se te acostumares a fazer a tua vontade e a viver no pecado, ou desesperas da vida eterna, ou reservas para ti um grande trabalho, conforme Salomão: “O jovem andará de acordo com o seu caminho, e mesmo quando for velho não se desviará dele” (Pr 22,6). E Jeremias: “É bom para o homem suportar o jugo do Senhor desde a sua juventude” (Lm 3,27). Porque este pode se levantar com facilidade e se superar. E é por esta razão que Cristo nos deu o exemplo de como agir desde a juventude, pois quando tinha doze anos de idade cresceu em sabedoria.

2.1.4. Perigoso

Igualmente, é perigoso que alguém cresça na idade do corpo se não cresce na idade da mente. Deus requer razão a todos, conforme o Evangelho (Mt 18,23): “O Reino dos Céus é semelhante ao homem que quer acertar suas contas com” a sua família. Deus te dá tempo para que lhe sirvas. Mas, diz Jó (cf. 24,23): “Deu a ele tempo e dele abusou pela soberba”. Deus te pedirá contas do tempo: “E eu disse que sem razão e em vão consumi a minha força” (Is 49,4). Ele consumiu sua força em vão e sem razão, pois gastou o seu tempo em coisas inúteis. Por isso, Isaías continua: “E, no entanto, o meu direito está com o Senhor” (Is 49,4). E Salomão: “Alegra-te, jovem, com tua juventude... saibas, porém, que sobre estas coisas todas o Senhor te pedirá contas no juízo” (cf. Ecl 11,9). Mas não é fácil esse juízo? Não, consoante diz Isaías (65,20): “O menino com cem anos será maldiçoado”, ou seja, pecador. Assim, diz Baruc (3, 11): “Envelheceste em terra estrangeira e és colocado com aqueles que descem ao inferno”. Mas não te desesperes da misericórdia de Deus, mesmo que as tuas ações conduzam a sentir falta dela.

3. O progresso em graça

Eis aqui, portanto, um primeiro estudo para que possamos crescer na mente de acordo com a idade. Mas, como cresce o homem na mente?

Certamente quando cresce em sabedoria, cresce também em graça, e, apesar de o versículo fazer menção primeiro à sabedoria e depois à graça, nós começaremos, contudo, pela graça, pois “o início da sabedoria é o temor do Senhor” (Eclo 1,16).

A graça é algo oculto, porque se encontra na alma. Ora, nós conhecemos as causas ocultas apenas pelos efeitos manifestos. Pois bem, entre todos os efeitos da graça, nenhum é tão manifesto quanto a paz; é por isso que o Apóstolo sempre liga a paz à graça: “O fruto do Espírito é alegria, caridade, paz” (Gl 5,22). E quando alguém tem paz, eis um sinal que ele possui a graça, pois “não há paz nos ímpios, diz o Senhor” (Is 48,22). E é isso que Deus quis dizer quanto ao progresso da graça, pois “quando completou doze anos” (cf. Lc 2,42), ele foi a um lugar de paz, ou seja, a Jerusalém, que é interpretada como “visão da paz”.¹⁴ Portanto, quando atingimos a idade da discrição, devemos exercer esforço para que possamos alcançar a paz.

Muitos, porém, se enganam, pois pensam ter a paz, contudo não a têm; por isso diziam os falsos profetas: “Paz, paz, e não havia paz” (Jr 6,14). Para que conheçamos a paz verdadeira, é de se notar que deve ter ela quatro condições: ela deve ser [3.1.] elevada, [3.2.] consuetudinária, [3.3.] perseverante e constante, e [3.4.] cauta.

3.1 A paz elevada

Em primeiro lugar, a paz da graça deve ser elevada. O homem foi constituído por dois elementos, e por isso pode haver dúplice paz: de uma parte, ele é constituído entre a carne e o espírito, que guerreiam entre si, porque “a carne tem aspirações contrárias ao espírito e o espírito, contrárias à carne” (Gl 5,17). O espírito é elevado, e a carne é algo ínfimo. Nesse sentido, o homem pode promover a paz de duas maneiras: se promove a paz de modo que o espírito consinta à carne; esta não é uma paz nem elevada nem verdadeira, mas sim a mais baixa e falsa. Por isso, “vivendo na grande guerra da ignorância, a tais males que padecem, eles dão o nome de paz!” (Sb 14,22).¹⁵ Esses vivem numa grande guerra, pois possuem a guerra da ignorância e o remorso de consciência. Outra é a paz quando a carne obedece ao espírito. E

14) Cf. JERÔNIMO. *Liber interpretationis Hebraicorum nominum*, Isaias (CCSL 72, p. 121, 9-10), Mattheus (ibid., p. 136, 5), ad Romanos (ibid., p. 152, 17-18), I ad Corinthios (ibid., p. 154, 23).

15) Cf. S. Th., II-II, q. 29, a. 2, ad 3.

de que modo se realiza esta paz? Certamente quando a carne é subjugada pelo espírito por meio da mortificação da carne.

Alguém dirá: “Eu quero promover a paz de modo que o espírito de alguma forma consinta à carne, e assim haverá paz, pois a carne depois estará subjugada ao espírito”. Isso não pode acontecer, pois a carne é de condição servil, e quanto mais se é indulgente com o escravo, tanto mais age sem pudor, conforme o Eclesiástico (na realidade, Pr 29,21): “Se alguém mima seu escravo, este se torna ingrato”. E o Filósofo diz: “O apetite pelo deleitável é insaciável, e por toda parte a operação da concupiscência suscita o insipiente”.¹⁶ Se satisfazes o deleite da carne, não é por causa disso que ele é aplacado, mas sim mais ainda suscitado, porque “aquele que beber desta água, terá sede novamente” (Jo 4,13). De que modo se promove esta paz? Certamente pisando na carne. Diz Isaías (27,5): “Na luta me levantei contra ela e ela me trouxe a paz”. Por isso lemos que o Senhor subiu a Jerusalém; e não desceu. Donde se diz: “Subiram eles para Jerusalém” (Lc 2,42), e Ele foi com eles.

3.2. A paz consuetudinária

Alguns querem fazer as pazes do espírito com a carne; fazem abstinência, mas não observam o costume. Querem ser diferentes dos outros, contra o mandamento do Senhor no Evangelho: “Quando jejuardes – diz – não fiquéis tristes como fazem os hipócritas” (Mt 6,16). O homem deve fazer as obras boas em segredo, e em público deve ser conforme os outros, consoante o Eclesiástico (32,1): “Sê como eles, como um dentre eles”.¹⁷ Quando Agostinho veio a Milão, os homens lá não jejuavam; já em Roma e em Cartago eles jejuavam. A sua mãe estava muito ansiosa para saber se deveria jejuar ou não. Então, Agostinho, ainda catecúmeno, inquiriu a Ambrósio se deveria jejuar ou não. E Ambrósio respondeu: “Seja qual for a igreja de onde fordes, conservai o seu costume se não quiserdes causar escândalo em si mesmo ou em outros”.¹⁸ Por isso, Jesus subiu [a Jerusalém] “conforme o costume”

16) ARISTÓTELES. *Eth. Nic.*, III, 12 (1119b8-9).

17) Cf. *Sermo XIV, Attendite a falsis prophetis*, v. 334-337. Cf. tradução para o português em: TOMÁS DE AQUINO. *Attendite a falsis prophetis* – “Guardai-vos dos falsos profetas”. *Lumen Veritatis*, v. 10, n. 38, 2017, p. 111-112.

18) Cf. AGOSTINHO. *Epist. 36 ad Casulanum*, XIV, 32 (CSEL 34, 2, p. 62, 2-17; PL 33, 151); *Epist. 54 ad inquisitiones Ianuarii*, II, 3 (CSEL 34, 2, p. 160, 16-161, 11; PL 33, 200-201).

(Lc 2,42). Não deseja ser uma pessoa singular, pois parece que Deus muito detesta a peculiaridade.

Mas note o que é dito: “Em dia de festa” (Lc 2,42). Se os companheiros quiserem algo contrário à virtude, nisso não debes ser conforme a eles, consoante o Êxodo (23,2): “Não seguirás a maioria para fazeres o mal”. E diz Jeremias: “Interroga as sendas antigas e vê qual seja o caminho do bem, e caminha nele” (Jr 6,16). Isso diz respeito à paz. Diz o Salmista: “Jerusalém, que está construída como uma cidade, cuja participação está nela mesma” (Sl 121,3). “Nela mesma”, isto é, de acordo com a concórdia das regras e dos costumes dos outros.

3.3. *A paz constante*

A paz também deve ser constante, pois não basta possuí-la por um tempo, mas é necessário que o homem seja nela perseverante: “Até o último suspiro, defenderei minha inocência, mantenho minha justiça, não a abandonarei” (Jó 27,5-6). Ele diz duas coisas: primeiro, “até o último suspiro”, ou seja, até a morte, “defenderei minha inocência”. O homem renuncia a sua inocência ao pecar. Donde dizer o Eclesiástico (26,27): “Aquele que passa da justiça à iniquidade, Deus o prepara para a *rumphaea*”,¹⁹ isto é, para a espada afiada. Não é suficiente que o homem não peque, mas se estás acostumado a fazer o bem, é necessário que não o abandones. Por isso, diz: “Mantenho minha justiça, não a abandonarei” (Jó 27,6). E no Apocalipse (2,4): “Devo reprovarte, pois abandonaste o teu primeiro amor”, e isso é significado no Evangelho de hoje: “Terminados os dias de festa” (Lc 2,43), permaneceu Jesus no templo. Alguns bem se abstém do pecado durante a festa, mas após a festa ao pecado retornam. O homem deve, pois, permanecer na sua justiça e inocência, o que é significado pelo livro dos Reis (I Rs 2,36-37), quando Salomão diz a Semei (que é interpretado como “obediente”²⁰): “Faze para ti uma casa em Jerusalém

19) Cf. ISIDORO DE SEVILHA. *Etymol.*, lib. XVIII, VI, 3 (ed. Lindsay, t. 2; PL 82, 644C-645A): “Framea vero gladius ex utraque parte acutus ... Ipsa est romphea”; PAPIAS (ed. Venetiis, 1496, denuo impressa Torino, 1966, p. 297a): “Romphea gladius est ex utraque parte acutus”; cf. GUILLELMUS BRITO. *Exp. vocabulorum Biblie* (ed. L. W. Daly – B. A. Daly, t. II, p. 662).

20) JERÔNIMO. *Liber interpretationis Hebraicorum nominum*, Exodus (CCSL 72, p. 77, 28): “Semei audi uel auditio mea”; STEPHANUS LANGTON (?), *Interpret. nominum hebr.* (Paris, BnF lat. 15467, f. 618vb): “Semei audiui uel audi me seu nomen meum aut auditio mea”; sed idem Hieronymus inferius scribit: *Liber interpretationis Hebraicorum nominum*, Actus (CCSL 72, p. 148, 4-5): “Simonis oboedientis siue ponentis tristitiam aut audientis moerorem”.

e habita aí, dela não sairás nem para aqui nem para acolá; no dia em que o fizeres, sabes que serás morto”. Desse modo, esta paz deve ser constante.

3.4. A paz cauta

Em quarto lugar, a paz deve ser cauta. Queres fazer a paz do espírito junto à carne? Se queres fazer a paz com alguém, e este te vier a subjugar, debes ter cuidado com seus amigos. Queres fazer a paz do espírito junto à carne? Deves ter cuidado com os amigos da carne. Por isso, diz Jeremias (9,4): “Cada um de vós se proteja de seu próximo (ou seja, segundo a carne), e em todo irmão (ou seja, segundo a carne), não tenhas confiança”. Porque é dito em Miqueias (7,6): “Os inimigos do homem são os da própria casa”.²¹ E isso é significado no Evangelho de hoje quando o Senhor quis permanecer “em Jerusalém, sem que seus pais tivessem conhecimento” (Lc 2,43). Aqueles que se aplicam à perfeição da paz do espírito devem tomar cuidado com os amigos e com a familiaridade com a carne. Diz o Salmista: “Esquece o teu povo e a casa de teu pai. De tua beleza se encantarão o rei” (Sl 44[45],11-12), ou seja, no presente conferindo a graça e no futuro conduzindo à glória. Que Ele se digne em no-la conceder, Ele que vive e reina etc.

Collatio

“Jesus progredia” etc.

Hoje já falamos do duplice progresso de Cristo, a saber, em idade e em graça. Falta ainda dizer acerca de dois outros progressos, isto é, do progresso em [3.] sabedoria e no [4.] convívio com os homens.

4. O progresso em sabedoria

E assim como o progresso da graça se revela na paz, assim o progresso da sabedoria, na contemplação. Onde dizer Salomão no livro do Eclesiastes (1,16): “Eu superei em sabedoria todos os que estiveram antes de mim em Jerusalém”. E como isso se deu? Ele acrescenta: “A minha mente contemplou com sabedoria muitas coisas”. Quem contempla muitas coisas com sabedoria

21) *S. Th.*, II-II, q. 26, a. 7, ad 1; q. 189, a. 10, ad 2.

progride na sabedoria. Vede: “templo” deriva de “contemplar”²² ou “contemplação” deriva de “templo”.²³ Portanto, uma vez que o Senhor se encontra no templo, demonstra para nós o seu empenho na contemplação. E sobre o significado de “templo”, que vem de “contemplação”, diz o Salmista: “Uma coisa eu peço – diz ele – ao Senhor, e a procuro, que eu habite na casa do Senhor todos os dias de minha vida e visite seu templo santo” (Sl 26[27],4). Visita verdadeiramente aquele templo não aquele que vai ao templo para tratar de futilidades ou de chicanas, mas para contemplar a vontade de Deus. Vejamos o que Cristo fez no templo, e assim poderemos saber se o homem progride no templo.

Ora, para que um homem progrida em sabedoria, quatro coisas são necessárias, a saber: [4.1.] que ouça de bom grado; [4.2.] que busque diligentemente; [4.3.] que responda com prudência; e [4.4.] que medite com atenção.

4.1. Ouvir de bom grado

Digo em primeiro lugar o seguinte: para que o homem progrida em sabedoria, é necessário que ele ouça de bom grado, pois a sabedoria é tão profunda que nenhum homem se basta a si mesmo a ponto de conseguir contemplar sozinho. É preciso, portanto, que ouça, conforme o Eclesiástico (Vulg. 6,34): “Se gostares de ouvir, sereis sábios”. Tu dirás: “Sou bastante sábio, não quero ouvir”. É por isso que acrescenta: “O sábio que ouve a sabedoria será ainda mais sábio” (Pr 1,5). Ninguém é tão sábio que não possa aprender ouvindo, donde “encontraram” Jesus “ouvindo-os” (Lc 2,46).

Mas, de que modo deves ouvir? Por certo, de modo perseverante. Alguns querem ouvir uma aula, sobre apenas uma matéria, de modo superficial, não pondo nela o seu coração. Em contrapartida, “encontraram” Jesus “três dias depois” (Lc 2,46) ouvindo assiduamente. Também dessa forma tu deves ouvir de modo assíduo, conforme os Provérbios (8,34): “Feliz o homem que me ouve e vigia em minhas portas a cada dia”.

22) Cf. ISIDORO DE SEVILHA. *Etymol.*, lib. XV, IV, 7, sub uerbo “Templum” (ed. Lindsay, t. 2; PL 82, 544C): “... templa dicta quasi tecta ampla. Sed et locus designatus ad orientem a contemplatione templum dicebatur”. Cf. etiam: TOMÁS DE AQUINO. *In Matth.*, 5, 8.

23) HUGUTIO. *Derivationes*, sub uerbo “Tego” (ed. Cecchini, t. II, p. 1197 [3-4]): “... tectum per compositionem hoc ‘templum’, quasi amplum tectum, ... et componitur contemplor -aris ...”; GUILLELMUS BRITO. *Exp. vocabulorum Biblie* (ed. L. W. Daly – B. A. Daly, 1.1, p. 159): “Contemplor ... per compositionem descendit a templum, templi”.

Ademais, não devemos ouvir apenas de um, mas de muitos, pois o Apóstolo diz que “há diversidade de dons” (I Cor 12,4). Uma só pessoa não é perfeita em todas as matérias:²⁴ São Gregório conhecia muito bem questões morais; Santo Agostinho, resolver problemas; e Santo Ambrósio alegorizava melhor do que ninguém. O que não aprendes de um, aprendes de outro, conforme diz o Eclesiástico (6,35): “Fica no meio dos anciãos prudentes e convive com a sabedoria de seus corações a fim de poderes ouvir a narração de Deus”. O que não narra um, narra o outro. Não estou dizendo que creio ser útil que aqueles que são iniciantes numa ciência qualquer devam ouvir diversas pessoas, mas devem ouvir na medida em que cada um esteja fundamentado e, quando estiverem com fundamento, podem ouvir outros diferentes, e assim podem colher flores – ou seja, aquelas coisas que são úteis – de diversas pessoas.

Assim também Jesus foi encontrado ouvindo a muitos e estando no meio deles, e isso é próprio do juiz justo; portanto, o ofício de juiz é confiado àqueles que ouvem, pois de modo justo deve-se julgar o que se ouve, conforme Jó (12,11): “Não distingue o ouvido as palavras?” Aquele que ouve deve ser um justo juiz. Mas alguns seguem a opinião dos mestres porque os ouvem, contudo ninguém deve ter um amigo na verdade, mas antes deve aderir à verdade,²⁵ pois diz o Filósofo que a discórdia nas opiniões não é empecilho à amizade.²⁶ Cristo estava, pois, no meio, porquanto diz o Eclesiástico (15,5): “No meio da assembleia abriu a sua boca, e o Senhor a cumulou do espírito da sabedoria e da inteligência”.

24) Cf. ROBERTUS DE SORBONIO. *De conscientia* (iuxta recensionem editam a Chambon, p. 30, n. 25): “Vix potest esse bonus clericus qui a pluribus magistris non audivit”; (iuxta recensionem editam a Diekstra, p. 83, 475-476, cum adn.): “Nec etiam presbiter debet inhibere ne scolaris suos frequentet alias scolas”.

25) Cf. ARISTÓTELES. *Eth. Nic.*, I (1096a16-17). Cf. etiam: TOMÁS DE AQUINO. *Comm in Eth. Nic.*, I, c. 6 (ed. Leon., t. 47, p. 22, 41-75).

26) Cf. ARISTÓTELES. *Eth. Nic.*, IX (1167a24-26). Cf. etiam: TOMÁS DE AQUINO. *Comm in Eth. Nic.*, IX, c. 6 (ed. Leon., t. 47, 2, p. 521, 26-30): “[A]micitia ex electione est, iudicium autem de rebus speculativis est ex necessitate conclusionis et ideo nihil prohibet aliquos amicos diversa circa huiusmodi sentire et aliquos inimicos in his sibi consentire”. Cf. etiam: *S. Th.*, II-II, q. 29, a. 3, ad 2 (ed. Leon., t. 8, p. 238b): “nihil prohibet aliquos caritatem habentes in opinionibus dissentire. Nec hoc repugnat pacis quia opiniones pertinent ad intellectum”; *In Epist. ad Rom.*, 12, 14 (ed. Cai, 1953, 1, p. 186, n. 1005): “duplex est sententia. Una quidem quae pertinet ad iudicium intellectus circa speculabilia ... dissentire autem in talibus non repugnat amicitiae vel charitati ... Alia vero sententia pertinet ad iudicium rationis circa agenda, et in talibus dissensio amicitiae contradatur”.

4.2. *Buscar diligentemente*

Em segundo lugar, requer-se ao homem, para que progrida na sabedoria, que ele a busque diligentemente, pois a sabedoria é o que há de mais precioso que se pode desejar, conforme os Provérbios (3,15): “Ela é mais preciosa que todas as riquezas e entre todas as coisas que se pode desejar, nada se pode comparar com ela”.²⁷ E também no livro da Sabedoria (7,8): “Eu a preferi aos tronos e reinos”.

Vede: aqueles que precisam de uma coisa temporal não apenas ficam contentes com o que ela oferece, mas a buscam diligentemente. Assim também nós devemos diligentemente buscar a sabedoria, conforme Salomão: “Se a procurares como fazes com o dinheiro, encontrá-la-eis” (Pr 2,4).²⁸ Certas pessoas atravessam montes e mares para adquirir dinheiro; assim também tu deves trabalhar para conseguir a sabedoria. Do mesmo modo, “encontraram (Jesus) no templo, interrogando” (Lc 2,46) e procurando a sabedoria, para nos dar o exemplo de como a sabedoria deve ser buscada, ou seja, onde deves procurar a sabedoria e de quem. Certamente a partir de três fontes.

4.2.1. *Buscá-la entre as pessoas mais sábias*

Em primeiro lugar, a partir de um mestre ou daquelas pessoas mais sábias, conforme o Deuterônomo (32,7): “Pergunta ao teu pai”, isto é, ao mestre, pois, assim como o pai te gerou corporalmente, assim também o mestre te gerou espiritualmente, “e ele te contará”; “pergunta aos anciãos”, isto é, aos mais sábios, “e eles te dirão” (idem).

Ademais, não deves te contentar em perguntar só àqueles que estão presentes, mas também aos antigos e aos ausentes. Se não tens grande número de pessoas, tens ao menos quanto ao número de escritos. Quando vires os escritos de Agostinho e de Ambrósio, pergunta então a eles. Diz Jó (8,8): “Pergunta à geração passada e investiga diligentemente a memória dos pais”, ou seja, os documentos que te legaram.

27) Cf. TOMÁS DE AQUINO. *S. Th.*, II-II, q. 100, a. 1, co.

28) Cf. TOMÁS DE AQUINO. *S. Th.*, I-II, q. 37, a. 1, co.

4.2.2. Buscá-la na contemplação das criaturas

Depois, não basta que interrogues a eles ou mesmo a seus escritos, mas deves buscá-la na consideração das criaturas, pois é dito no Eclesiástico (Vulg. 1,10): “Deus espalhou a sua sabedoria sobre toda a sua obra”. As obras de Deus são indícios da sua sabedoria, assim como muitas coisas podemos presumir a respeito da sabedoria do artífice a partir de suas obras, conforme Jó (12,7): “Pergunta aos animais de carga e eles te ensinarão; às aves do céu e elas te responderão”.²⁹

4.2.3. Compartilhando-a com os outros

Depois, o homem deve adquirir sabedoria ao comunicá-la aos outros, conforme diz o Sábio: “O que sem falsidade aprendi, comunico-o sem inveja” (Sb 7,13). Qualquer um pode experimentar que ninguém pode bem progredir na ciência senão comunicando aos outros o que ele sabe.³⁰ E esta é uma obrigação: que o homem transmita aos outros o que ele sabe, conforme o que diz os Provérbios (22,21): “Eu te mostrarei a firmeza e as palavras de verdade, para responder àqueles que eu te enviar”. Cristo respondeu, e “todos se admiravam com a sua prudência e suas respostas” (Lc 2,47).

4.3. Responder com prudência

Na resposta exigem-se três elementos da prudência.

4.3.1. Resposta proporcionada a quem responde

O primeiro é que a resposta deve ser proporcionada à pessoa que responde. Se alguém te pergunta algo que esteja acima de tuas capacidades, não te ponhas a responder. Por isso diz: “Se há em ti inteligência, responde a teu próximo”; se não, põe a tua mão “sobre a tua boca, a fim de não seres apanhado numa palavra inconsiderada, e fiques confundido” (Eclo Vulg. 5,14).

29) Cf. etiam: *Comm. in Iob* (ed. Leon., t. 26, p. 80, 133-145).

30) Cf. SÊNECA. *Epist. ad Lucilium*, lib. I, epist. 7, 8 (ed. F. Préchac, t. I, p. 21): “Homines, dum docent, discunt”.

4.3.2. Resposta proporcionada ao ouvinte

Requer-se também da prudência na resposta que ela seja proporcionada ao ouvinte. Nem sempre se deve responder a qualquer um, pois pode acontecer que alguém te pergunte algo com o fim de te provocar ou para te criticar,³¹ conforme os Provérbios (26,4): “Não respondas ao estulto segundo a sua estultice, para não te tornares semelhante a ele”. Mas qual é o sinal de que alguém é estulto? Certamente, quando pergunta com contendas, conforme os Provérbios (20,3): “A pergunta do estulto está misturada com contendas”.³² Mas deves responder ao “estulto conforme a sua estultice” a fim de não parecer um insensato a seus olhos, conforme diz Salomão (Pr 26,5). Isso Cristo fez bem quando alguns lhe perguntavam “com poder de quem” Ele fazia os milagres, o que Ele lhes mostrou com uma outra questão (cf. Mt 21,23; Mc 11,28; Lc 20,2).

4.3.3. Resposta proporcionada à questão

Outrossim, deve existir prudência na resposta de modo que ela seja proporcionada à questão, não por meio de palavras ornamentadas,³³ mas direto ao ponto. Caso contrário, seria uma resposta cheia de vento. Por isso diz Jó (15,2): “Até quando o sábio responderá no vento?” Já Cristo respondeu prudentemente: “Todos se admiravam com a sua prudência e suas respostas” (Lc 2,47).

4.4. Prudência pela meditação: exemplo da Bem-aventurada Virgem

Diga-se, em quarto lugar, que a consumação da prudência ocorre quando o homem medita atentamente, conforme o Salmista: “A meditação de meu

31) TOMÁS DE AQUINO. *In Matth.*, 21, 23 (ed. Cai, 1951, p. 265, n. 1722): “Secundum Chrysostomum quando aliquis interrogat ut discat, tunc ei respondenda est veritas; sed quando ut tentet, tunc reprehendus est et confutandus”. Cf. *Cat. In Matth.*, 21, 23 (ed. Guarienti, 1953, 1, p. 311); PS. CHRYSOSTOMUS. *Opus imperf. In Matth.*, 39 (PG 56, 848).

32) *S. Th.*, II-II, q. 72, a. 4, arg. 2; ad 2 (ed. Leon., t. 9, p. 131b): “iratus patitur rationis defectum, in quo convenit cum stultitia. Et propter hoc ex stultitia oritur contumelia, secundum affinitatem quam habet cum ira”.

33) Cf. BERNARDO DE CLARAVAL. *Sermones super Cantica*, XLI, 1 (ed. Cist., t. II, p. 29, 8-10; PL 183, 985AB): “Philosophorum vel haeticorum intellectus non habet hunc in se puritatis veritatisque nitorem; et ideo multam curam gerunt ipsum colorare et fucare phaleris verborum et versutiis syllogismorum”.

coração está sempre em tua presença” (Sl 18[19],15). Nós temos o exemplo disso na Bem-aventurada Virgem que “conservava todas as palavras, meditando-as em seu coração” (Lc 2,19). Na explicação desse versículo, um certo grego utilizou uma expressão bastante notável: “Considera – diz ele – Maria, mulher prudentíssima e mãe de verdadeira sabedoria, de que modo Ela Se fez aprendiz do menino, não mais enquanto menino, nem como varão, mas como a Deus é que Ela voltou a sua atenção. E assim como concebera o próprio Verbo em seu ventre, assim também concebeu com o coração todas as suas ações e palavras”.³⁴

Vede que há três elementos na meditação da Bem-aventurada Virgem Maria.

4.4.1. Meditação frutuosa

Em primeiro lugar, ela foi frutuosa. Qual é o fruto da meditação? Respondo que a meditação é a chave da memória. Muitas coisas podes ler e ouvir, mas não podes reter a não ser que medites. Diz o Salmista: “Eu compreendi melhor que todos os meus mestres, porque os teus testemunhos são objeto de minha meditação” (Sl 118[119],99). Assim, pois, como a comida não nutre a não ser que tenha sido primeiro mastigada, assim também não podes progredir na ciência a não ser mastigando aquilo que ouves por uma frequente meditação.

4.4.2. Meditação íntegra

Ademais, a meditação da Bem-aventurada Virgem foi íntegra, porque ela “conservava todas as palavras” (Lc 2,19; cf. Lc 2,51). O homem deve meditar também acerca de todas as coisas.

4.4.3. Meditação profunda

Depois, a meditação da Bem-aventurada Virgem foi profunda. Certas pessoas querem meditar apenas de modo superficial. Se não podes meditar todas as coisas de uma vez, medita uma segunda vez. “Maria conservava

34) Cf. *Cat. In Luc.*, 2, 51 (Brescia, Bibl., capit., s. n., f. 87va; Linz, Studienbibl. 448, f. 26ra; Padova, Bibl. Anton. 256, f. 26rb): “Grecus. Considera prudentissimam mulierum Mariam, uere sapiencie matrem, qualiter scolaris sit pueri, non enim ei [eum *Linz*] ut puero neque ut uiro sed ut Deo uocabat [uocabat Brescia], ... sed sicut ipsum Verbum prius in uisceribus, ita nunc eiusdem modos et dicta concipiebat et in corde suo quodam modo fouebat” (cf. ed. Guarienti, 1953, II, p. 43b).

todas as palavras, meditando-as em seu coração” (Lc 2,19). Diz o Salmista: “Medito de noite em meu coração, para que me exercitasse e examinasse meu espírito” (Sl 76[77],7). Não há dúvida de que aquele que ouve de bom grado, responde prudentemente, busca prudentemente e medita atentamente, este progredir muito na sabedoria. Eis o modo de progredir na sabedoria.

5. O progresso diante de Deus e dos homens

Resta ainda tratar a respeito do progresso no convívio humano. É verdade a partir deste Evangelho, poderia ser suficiente que se queira acolher o convívio humano quanto aos súditos e quanto aos superiores. E como poucos são os superiores e muitos são os súditos, tratemos a respeito dos súditos. É preciso ficar claro que se queres progredir no convívio humano, debes ter quatro qualidades, a saber: piedade, pureza, humildade e discernimento.

5.1. Piedade no convívio humano

Digo em primeiro lugar: se queres progredir no convívio humano, debes ter piedade. Certas pessoas têm apenas piedade para consigo mesmas, para que vivam em paz e progridam na sabedoria, mas não querem se rebaixar em relação aos outros. Estes podem progredir em “graça diante de Deus”, mas não “diante dos homens”; contudo, “Jesus progredia em idade, sabedoria e graça diante de Deus e diante dos homens” (Lc 2,52). Isso é significado pela descida com eles [com os pais]. Jesus, conforme o seu tempo, permaneceu em Jerusalém, mas quando quis, “desceu” (cf. Lc 2,43-51). Por isso, diz o livro do Cântico dos Cânticos (6,1): “O meu amado desceu ao seu jardim”, ou seja, ao jardim das delícias. E na escada que viu Jacó, viu ele anjos de Deus subindo e descendo. Assim também nós devemos ascender pelo progresso espiritual e descer por piedade ao próximo.

5.2. Piedade sem pecado

Outros, no entanto, descem demais para com os as pessoas, pois chegam até o pecado. Ora, Cristo “desceu para Nazaré” (Lc 2,51), que é interpretada como “flor”, que significa “pureza”,³⁵ conforme o Cântico dos Cânticos

35) Cf. JERÔNIMO. *Liber interpretationis Hebraicorum nominum*, Matthaheus (CCSL 72, p. 137, 24), Iohannes (ibid., p. 142, 18). Cf. STEPHANUS LANGTON (?). *Interpr. nominum hebr.* (Paris, BnF lat,

(Vulg. 1,15): “Nosso leito é florido”. Bem-aventurado aquele que em sua consciência nada tem de fétido ou digno de infâmia, mas apenas o perfume da boa fama, conforme o Cântico (na realidade, Eclo 24,23): “As minhas flores são frutos de honra e honestidade”. Os frutos estão no mérito, conforme o Apóstolo (Rm 6,22): “Tereis fruto na santificação”; as flores estão na pátria futura.³⁶

5.3. *Humildade*

Em terceiro lugar, devemos ter humildade, conforme o que diz Agostinho: “Que o homem se enrubesça quando se torna orgulhoso, uma vez que Deus Se fez humilde”.³⁷ Cristo Se submeteu aos homens, assim como tu deves ser submisso aos superiores. Diz Gregório: “Todos os que progredirem pela promoção, jamais devem abandonar a obediência. Antes de o homem alcançar o progresso no convívio humano, é-lhe necessário que tenha a obediência que conduz ao bem”,³⁸ e Cristo teve suma obediência. Certas pessoas são obedientes em coisas pequenas, não em grandes, mas Cristo foi obediente nas coisas grandes. Sobre isso foi dito o seguinte: “Era-lhes submisso” (Lc 2,51), e sobre eles diz a Glosa: “Eram pessoas justas e honestas, embora pobres e passando necessidade – prova disso é o presépio que serviu de lugar de parto para o venerável –, continuavam a buscar nos trabalhos o necessário para o corpo”.³⁹ E Cristo trabalhava com eles. Diz o Salmista: “Eu sou pobre e

15467, f. 611rb): “Nazared: flos uel uirgultum siue suscitans [succitans *cod.*] aut consecratio. Nazareth: unctio uel mundicia seu custodiens aut separatio”.

36) *S. Th.*, I-II, q. 70, a. 1, ad 1 (ed. Leon., t. 6, p. 461b): “Opera igitur nostra in quantum sunt effectus quidam Spiritus Sancti in nobis operantis, habent rationem fructus: sed in quantum ordinantur ad finem vitae aeternae, sic magis habent rationem florum. Unde dicitur *Eccli XXIV: Flores mei fructus honoris et honestis*”.

37) AGOSTINHO DE HIPONA. *Sermo CXXIV*, 1 (PL 38, 684); cf. *Enarr. in Ps.*, 18, 2, 15 (CCSL 38, p. 112, 31-32; PL 36, 163); 54, 13 (CSEL94/1, p. 157, 26; CCSL 39, p. 666, 27-28; PL 36, 637).

38) GREGÓRIO DE NISSA. *In illud “Tunc ipse filius”* (PG 44, 1308C). Cf. *Cat. In Luc.*, 2, 51 (Brescia, Bibl., capit., s. n., f. 87rb; Linz, Studienbibl. 448, f. 26ra; Padova, Bibl. Anton. 256, f. 26ra) : “Vt ostendat quod [quod om. Linz] quicquid per promotionem perficitur, antequam ad finem perueniat, obedienciam tanquam perducentem [producentem Padova] ad bonum utiliter amplexatur” (cf. ed. Guarienti, 1953, IL p. 43b).

39) BASÍLIO MAGNO (Pseudo?). *Constitutiones monasticae*, c. 4, 6 (PG 31, 1356D-1357A). *Cat. In Luc.*, 2, 51 (Brescia, Bibl., capit., s. n., f. 87rb-va; Linz, Studienbibl. 448, f. 26ra; Padova, Bibl. Anton. 256, f. 26ra): “Cum enim homines essent honesti et iusti, egeni tamen, et necessariorum penuriam patientes, teste presepi partus uenerandi ministro, manifestum est quod sudores corporeos continuo frequentabant, necessaria inde sibi querentes. Iesus autem obediens illis, ut Scriptura testatur, etiam in sustinendo labores subiectionem plenariam ostendebat” (cf. ed. Guarienti, 1953, IL, p. 43b).

trabalho desde a minha juventude” (Sl 87[88],16). Muitos se põem a estudar, querem progredir na sabedoria, ocupam-se em ascender, não em descer, não como se estivessem em Nazaré, mas sim na feiura do pecado. Não como se fossem súditos, mas sim como superiores. Contudo, Cristo “desceu a Nazaré”, onde “era-lhes submisso” (Lc 2,51).

5.4. Discernimento

Em quarto lugar, é necessário o discernimento. O que é discernimento na obediência? É claro que devemos obedecer aos superiores em tudo aquilo que não nos afasta de Deus. Por isso, diz São Pedro (At 5,29): “É necessário obedecer a Deus, antes que aos homens”.⁴⁰ Cristo teve este discernimento naquelas coisas que não O afastavam de Deus: “Era-lhes submisso” (Lc 2,51). E diz: “Não sabíeis que é necessário ocupar-me das coisas de meu Pai?” (Lc 2,49). E o Salmista: “Para mim é bom estar junto de Deus” (Sl 72[73],28), ou seja, no presente pela graça e no futuro pela glória, a qual seja concedida a nós e a vós, etc.

40) Cf. *S. Th.*, II-II, q. 104, a. 5, s.c.